

SOLIDÃO, RECLUSÃO E SOLITUDE

março de 2004

Embora sejam sinônimos, usarei aqui a palavra *solitude*, que possui franco caráter poético, para representar um estado de *solidão* possível justamente porque a pessoa não está só, de verdade; pode-se simplificar, inicialmente, dizendo que *solidão* absoluta é impossível, uma vez que a pessoa só, está consigo, o que equivale a dizer que está com alguém. Esse solitário está com outra pessoa que é ele próprio, consciente dessa duplicidade ambivalente, ou seja, com dois valores. Necessariamente o solitário é obrigado a duplicar-se para que possa suportar o ataque esvaziante da *solidão* absoluta, palavras que uso para definir uma falta. Uma falta de pessoa ali, naquele momento e lugar. Uma falta de ser que é impossível, mesmo em situações drásticas de saúde psicológica, porque a pessoa tem personalidades e essas personalidades, formam pessoas, "dentro" da pessoa. Daí que o homem em *solidão* deve, poeticamente, ser considerado um ser em *solitude*, desde que *solitude* seja uma palavra que signifique estar-se vivendo no mínimo a dois; o si com o outro, que não é ele mesmo e que é ele próprio, na medida que o solitário vive com um si mesmo que é, essencialmente, o outro, o mundo. Essa dupla de seres na pessoa, garante que não haja nada estarrecedor, total, maciço, opaco. Há garantias, de si para si próprio, de suficiente provisão de narrativas que preenchem aquilo que poderia vir a ser a falta.

Para haver *solidão*, aquela absoluta, o sujeito precisaria deixar de ser sujeito para ser coisa; a solidez das coisas, sua opacidade, nas palavras de Sartre, garantiria o silêncio, nenhuma consciência, nenhuma reflexão que caracterizaria a *solidão*. Haveria uma extrema e infinita compressão do ser, por onde não surgiria nenhum rasgo de consciência, de "pensar pensamentos" (como dizia Winnicott), ou pensar os pensamentos (a consciência de consciência sartriana); não ocorreria "relação a si" (Sartre, 1943) apenas si. Não haveria a relação a si, que não é coisa outra senão relação a dois, uma transcendência da consciência. Se alguém é solitário, está sozinho em relação a alguma coisa, pessoa, situação, contexto. E só o fato de se estar só em relação a alguém, por exemplo, significa que se está preenchido pela falta desse alguém. Essa pessoa faltante forma uma entidade no interior do conjunto de percepções do sujeito em *solidão*, arrancando-o da *solidão* e lançando-o na *solitude*, aquela que é saudável; que é a vivência de poder olhar para si "de fora", sendo alguém que não é ele próprio para poder preencher-se desse outro, que não é outro senão ele próprio. Assim cumpre-se uma relação preenchedora, afastando o vazio, derrubando a falta, afastando o nada.

Visto isto, penso que há lucro em imaginar, a fim de estabelecer um diálogo com as *solidões*, pelo menos três estados de estar só: uma *solidão* opaca, silente, isolada, comprimida, maciça em si. É a *solidão* das coisas, dos objetos, deixados para serem Em-sí. Uma coisa não cria a si própria, não se pensa, não é passiva nem ativa, não conduz, não se comporta, não tem um fim a que se dirigir, não se dirige a um fim. Sartre diz do ser Em-sí: "o ser Em-sí é o que é" [...] "tem-de-ser o que é". É a solidez solitária do mundo das coisas, sem um aspecto interior e um aspecto exterior, ambos contrapostos e com juízos a respeito do outro. Há uma "síntese de si consigo mesmo". (Sartre) "[...] O ser está isolado em seu ser e não mantém relação alguma com o que não é [ele]. Nessa *solidão* não há trânsito, vir-a-ser, não pode deixar de ser o que é; é absoluta positividade, por isso desconhece o sentimento de colocar-se na pele ou olhar do outro; escapa à contagem das horas, dos dias; mesmo deixando de existir lá onde existia, não há falta, pois não houve nunca uma presença para que houvesse ausência. As coisas têm a *solidão* que não é derivada daquilo que poderia ter sido, ou que um dia já foi; têm a *solidão* que não vem da necessidade ou do desejo. Simplesmente só é, é só. "[...] [Esse ser Em-sí] é supérfluo (de trop), ou seja, que não se pode derivá-lo de nada, nem de outro ser, nem de um possível, nem de uma lei necessária. Incrêdo, sem razão de ser, sem relação alguma com outro ser, o ser-Em-sí é supérfluo por toda a eternidade". A *solidão* de coisa é perfeição; não há a menor brecha entre seu aparecimento e sua existência, pois não há começo, uma vez que não há como se medir a si mesmo.

A segunda *solidão* é a *solitude*. Essa *solidão* se caracteriza pela propriedade de se estar só na presença de si mesmo como se estivesse com um outro. É a característica principal da consciência - seu destino de só ser consciência de alguma coisa (Husserl). A consciência pode fazer o milagre de abstrair-se de si própria para olhar-se de fora. Ou ainda, e concomitantemente, ter consciência de estar consciente do mundo; e por isso, ser consciente do outro dentro de si ou de si como outro. Sofisticadamente é a faculdade de estar na presença de si mesmo como sendo outro, sem que, com isso, haja derrocada da pessoa ou do mundo.

O mundo se apresenta, no início da formação do indivíduo, como sendo ele próprio, sem reflexão. O mundo e o ser são uma só coisa, não havendo distância entre o ser e o mundo; há uma síntese. Nesse momento não há personalidades e isso porque não há reflexão, não há mundo a refletir. Não há julgar, querer, desejar; apenas há necessidade, carência, dependência. Não há fazer, apenas ser. Não há sentimentos, apenas afetos (emoções, pulsões).

Uma pessoa só pode ficar em solitude na presença do mundo, na presença interna do mundo. Na solitude não há carência de presenças concretas, uma vez que há presenças virtuais de seres e símbolos. Isso se dá magistralmente na ausência do soldado em batalha, quando a amada se sente só, porém não vazia, porque todos os pensamentos, fantasias, dependência afetiva, saudade, símbolos, souvenirs, dão-lhe consistência suficiente para estar em solitude na presença deste universo de sensações. Aliás, só é possível a solitude, se não se estiver irremediavelmente só, falto de si, coisificado.

Há, por último, um tipo de solidão humana que não é pareada com a solitude e se aproxima, perigosamente, da solidão de coisa. É a reclusão: na reclusão a pessoa encerra-se a si mesma numa clausura que é o resultado final de uma condenação infinita e indefinida. Essa condenação é, por sua vez, o resultado da recusa de existir, agarrando-se a uma possibilidade fantasiada de ser. Contudo ser aproxima ao indivíduo de ser-coisa, pois aquilo que é, na verdade é ser-Em-si (coisa), e não há escape para pensar-se. Esse tipo de pessoa não pode conviver com a idéia de confronto e contradição, que é implícito ao existir, precisamente porque existir significa estar imerso no inseguro, num mundo não dado, onde o indivíduo vive sem manual do proprietário, ou controle remoto, sem sentido prévio para a vida; tendo que dar sentido à vida, uma vez que ela não tem sentido a priori. Ser, aqui, contraponho a existir naquilo que existir tem de hominal, de não-determinado, de transcendente (no sentido fenomenológico). Existir é condição da consciência, é transcendência. É intenção, afeto, adultice, maturidade, criado, contentamento, motivação, sentimento. Ser é feito, pronto, sem espaço para viver, infantil, perfeito, incriado, felicidade, neutralidade, inércia.

Como há recusa em existir, dando sentido à vida, o recluso busca o retiro, o isolamento que fusionará ele consigo próprio, tornando-se perfeito, sem tempo ou lugar. Como esse ato é uma prestidigitação apenas, logo tem de se auxiliar de um rito, uma liturgia bem acabada, rígida, com começo, meio e fim (bem como finalidade), para garantir que não terá de se relacionar com o mundo e consigo mesmo. O indivíduo que se recusa a existir enclausura-se em uma região de si, que imagino ser aquilo que está mais próximo de ser maciçamente; essa região/tempo relaciono com o mundo mineral, energético, perfeito, mágico, que resiste como memória dos tempos em que o sujeito foi um consigo (por conseguinte um com o outro); um sentimento oceânico, onisciência, onipotência, irreflexão; situação essa já identificada por Freud e seus sucessores quando utilizam o termo "princípio de nirvana", para essa tendência à mineralização, à volta radical às origens. Essa obstinação em manter-se virginal, original, intocado, é bem clara na clínica daqueles pacientes que combatem qualquer manifestação de afeto, mantendo relacionamentos burocráticos, dirigindo-se para a vida com um olhar orgulhosamente indiferente. Seu endurecimento emocional é frio e não quente; frio porque deprimido; não quente porque não há ira expressa. Não obstante isso, o analista localiza sua destrutividade, como um rio subterrâneo de lava, coberto pelas gentilezas sociais, etiquetas mais que demarcadas e estereotípia de comportamento, vivendo slogans e clichês que garantem-lhe a sensação de que estão vivendo como se deve, longe de localizar seu desejo mais íntimo. Quase que não há íntimo, por isso não há o que sentir, almejar, uma vez que almejar significa sempre abrir-se para o mundo e mostrar o vazio pessoal.

O indivíduo encarcerado em si mesmo, mineraliza-se na tentativa de não existir, de não erotizar-se, libidinizar-se; o que seria desejo em alguém mais integrado com o mundo, surge no solitário auto-recluso como necessidade. Ele se decepciona onde outros apenas se frustram, por isso defende-se com o retiro de si. Consegue o "milagre" de não viver no mundo; apaga o mundo por meio de rituais bem elaborados, compulsiva e obsessivamente. Tanto os rituais quanto a solidão reclusa, são táticas que Winnicott (O ambiente e os processos de maturação, 1983) colocou como uma "organização defensiva significando uma expectativa de perseguição".

A sinistra situação do recluso em seu invernal silêncio, em sua neutralidade opressiva, isolado em si mesmo, me lembra um comentário do historiador da arte Jorge Coli, a respeito da pintura "Inverno" (1932) de José Clemente Orozco: "Há um quadro, sinistro entre os sinistros". [...] "São homens enfiados em casacos pesados, andando, sem se encontrarem, isolados em si mesmos, sob uma opressão invisível".

Na filosofia inventarista de Kápilavastu (Índia, séc. VII a.C.) bem como em outros pontos de vista indianos, principalmente o Yôga, encontramos uma referência ao estado de solitude, a solidão boa, por assim dizer. O termo usado é sushupta - sono profundo - um estado de ser que está em descanso nesse momento, mesmo que olhemos para os atos e sentimentos e percebemos movimento. Por trás dessa

vigília, por baixo do mundo acordado, vigilante, está sushupta, o sono profundo, o nada, o silêncio, que ultrapassa os movimentos da consciência desperta. Eles insistem no mesmo drama: só é possível descansar na presença de si mesmo; um si mesmo clarificado pelas práticas que expandem a consciência, retirando-a da reclusão, permitindo que haja a solidão.

Grotstein (1990) usa a metáfora do buraco negro da astronomia para representar os dramáticos acontecimentos no buraco psíquico que se forma quando a pessoa é atacada pelos sentimentos de ser sem-sentido e aleatória. Com a sementeira sartriana, posso dizer que a solidão sinistra é resultado da incapacidade, experimentada pelo indivíduo, de ressaltar uma presença a partir de um fundo ambiente. O ambiente empastado, opaco, difuso, sem nenhum ser ou fato atraente, forma a solidão mórbida, depressiva; possivelmente, no contrário, temos só figuras a partir de um fundo muito ralo. Ali teríamos uma solidão ansiosa em plena multidão de estímulos. A pessoa, nos dois pólos dessa equação não pode escolher objetos de paixão pela imersão no sono mineral de ser sem participar da vida, negando-se a escolher para não se apaixonar; ou ao contrário, escolhendo indefinidamente, sem poder apaixonar-se. É o buraco negro, sinistro, de onde não escapa vida, pela falta ou por excesso, pela inflação ou deflação de afetos.

Winnicott (1958) observando o silêncio dentro das sessões entendeu-o como importante, em certos momentos, significando a recuperação do paciente em poder ficar realmente só, na presença do analista, que ali revive a solidão na presença da mãe (mundo-ambiente). Estar só, em solidão é o mesmo que estar em presença a si, em relação a si. O si só pode ser si-para-si; a pessoa só é para si própria, com um olhar que a diferencia de si, porém igual a si. Para que possa viver a solidão boa é necessário que ela seja ela mesma e que, simultaneamente, não seja ela (que seja o mundo). Como disse Winnicott (idem): "Assim, a base da capacidade de ficar só é um paradoxo; é a capacidade de ficar só quando mais alguém está presente". Esse alguém, quero entender, é o si mesmo, desde que o si próprio seja constituído do ambiente que permite que se esteja só "na presença de alguém" (de si como alguém).

Sartre expressou o que entendia como consciência: "Assim como um objeto extenso [uma coisa] está obrigado a existir segundo as três dimensões, também uma intenção, um prazer, uma dor, não poderiam existir exceto como consciência imediata (de) si mesmos". Dessa maneira, penso que a solidão só pode ser consciência de solidão, uma solidão; caso contrário ela vira coisa dentro da consciência, a respeito da qual a consciência pode nada saber, encarcerada em si mesma. Também a solidão é consciência de solidão; consciência de uma "solidão compartilhada, isto é, aquela solidão relativamente livre da característica que nós chamamos reclusão" (Winnicott, idem). Esse compartilhamento da solidão se deve ao fato de que a solidão o é em relação a algo, alguém, algum contexto ou situação. Isso evita que a pessoa se aproxime do nada-ser, da falta, do vazio que caracteriza o ser infantil "cru, não defendido, vulnerável, potencialmente paranóide" (Winnicott, idem).

A clínica da solidão, penso eu, é, na verdade, uma clínica da falta de ser dentro da pessoa; há ali um indivíduo que jamais se tornou pessoa, aterrorizado e oprimido pela falta de um si para conversar nos momentos de solidão. O analista bem pode ser a mãe winnicottiana (aquela presente dentro da criança/analizando) ou genuinamente representar o outro eu "dentro" do analisando, trazendo a possibilidade de um diálogo consigo próprio, por mais que este diálogo se apresente na sessão como uma conversa com outro eu que é o do terapeuta. Esse diálogo reporto como sendo terapêutico o suficiente para que o indivíduo passe a ser pessoa; para que a pessoa possa, finalmente entrar em solidão, numa conversa auto-terapêutica, retomando sua existência, tornando-se participante do mundo; participante de seu mundo pessoal.

GROTSTEIN, James S. O buraco negro. Lisboa, Climepsi Editores, 1999.

HUSSERL, Edmund Investigações lógicas. São Paulo, Nova Cultural, 1996.

MUKHERJEE, Prithwindra Le sâmkhya. Paris, ÉPI S.A. éditeurs, 1983.

SARTRE, J.P. O ser e o nada. São Paulo, Vozes, 1988.

WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre, 1983.